Boletim Informativo Theosis

MARANATHA — VEM, SENHOR JESUS!

A Segunda Vinda de Cristo, a vida eterna e a ascensão espiritual à Casa do Pai
"Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22,20)

Introdução — A esperança que precisa ser compreendida

Durante muitos séculos, a Segunda Vinda de Jesus Cristo foi apresentada aos cristãos como um acontecimento cercado de sinais assustadores, catástrofes, guerras e destruição do mundo.
Muitas pessoas cresceram ouvindo que Cristo poderia aparecer repentinamente nas nuvens, levando consigo os escolhidos e deixando a humanidade diante de acontecimentos terríveis.
Essas interpretações produziram, em muitos corações, mais medo do que esperança.
Entretanto, quando estudamos as Sagradas Escrituras e os ensinamentos dos primeiros Padres da Igreja, encontramos uma compreensão muito mais profunda.
A promessa da vinda de Cristo não é simplesmente o anúncio de uma destruição.
É a esperança da manifestação definitiva do Reino de Deus, da vitória da vida sobre a morte e da restauração de toda a criação.
Mas surge uma pergunta importante:
Enquanto aguardamos essa manifestação definitiva, Cristo estaria ausente da humanidade?
Estaria esperando um determinado dia para novamente aproximar-se de nós?
Ou sua presença já se manifesta continuamente na vida daqueles que o procuram, no encontro da alma com Deus e na transformação espiritual do ser humano?
É sobre essas questões que precisamos refletir.

1. O verdadeiro significado de Maranatha

A expressão aramaica *Maranatha* aparece em 1 Coríntios 16,22 e é tradicionalmente compreendida como:
"Vem, Senhor!"
Essa pequena oração expressa uma das mais antigas esperanças da comunidade cristã.
Os primeiros seguidores de Jesus aguardavam a plenitude de seu Reino.
Entretanto, não esperavam simplesmente um acontecimento assustador.
Esperavam o Senhor que haviam conhecido, amado e seguido.
O mesmo sentimento aparece no encerramento do Apocalipse:
"Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22,20)
A oração Maranatha é, antes de tudo, uma expressão de amor.

Quem ama deseja a presença daquele que ama.
Por isso, a esperança cristã não deveria ser alimentada pelo pavor do fim do mundo, mas pelo desejo de comunhão com Cristo.

2. Jesus afirmou que aquela geração não passaria

No Evangelho de Mateus encontramos uma declaração que merece atenção:

"Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam." (Mateus 24,34)

Jesus pronunciou essas palavras ao falar sobre acontecimentos que envolveriam Jerusalém, o Templo e grandes tribulações.
Sabemos que Jerusalém sofreu uma terrível destruição pelas forças romanas no ano 70, poucas décadas depois do ministério terreno de Cristo.
Esse acontecimento ajuda a compreender por que parte das palavras proféticas de Jesus se refere a acontecimentos próximos de seus primeiros ouvintes.
A linguagem profética das Escrituras também pode apresentar acontecimentos históricos como sinais que apontam para realidades maiores.
Por isso, nem todas as passagens sobre a vinda do Senhor precisam ser interpretadas como descrições de um único acontecimento situado em nosso futuro.
Algumas se relacionam ao julgamento histórico, outras à presença do Reino e outras à consumação definitiva da criação.
Compreender essa diferença evita interpretações precipitadas.

3. Cristo nunca abandonou a humanidade

Antes de sua Ascensão, Jesus prometeu:

"Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mateus 28,20)

Essa promessa é fundamental.
Cristo não anunciou uma ausência completa até sua Segunda Vinda.
Pelo contrário, garantiu sua presença permanente junto à Igreja.
Em outra passagem, declarou:

"Se alguém me ama, guardará minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos morada." (João 14,23)

Observe a expressão:

"Nós viremos a ele."

Jesus apresenta uma vinda divina que acontece na própria vida espiritual daquele que o ama.
Essa presença se manifesta pela graça, pela oração, pelos Santos Mistérios, pela transformação do coração e pela ação do Espírito Santo.
Portanto, podemos compreender que Cristo não é apenas aquele que virá.

Ele é também aquele que já está presente e continuamente vem ao encontro de nossa existência.

Essa compreensão não substitui a Segunda Vinda gloriosa confessada pela Igreja. Ela revela que a presença de Cristo possui uma profundidade maior do que uma simples espera por um acontecimento futuro.

4. A Segunda Vinda não é uma previsão de calendário

Ao falar sobre a consumação dos tempos, Jesus declarou:

“Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém sabe [...] senão somente o Pai.” (Mateus 24,36)

Essa afirmação deveria ser suficiente para impedir qualquer tentativa de estabelecer datas para o retorno de Cristo.

Entretanto, ao longo da história, muitos movimentos religiosos anunciaram datas e acontecimentos que não se realizaram.

Outros transformaram a esperança cristã em instrumento de medo e manipulação.

A Igreja não recebeu a missão de calcular o dia do fim.

Recebeu a missão de anunciar o Evangelho.

O próprio Jesus ensinou que seus discípulos deveriam permanecer vigilantes.

Mas a verdadeira vigilância não consiste em procurar sinais extraordinários a cada acontecimento mundial.

Consiste em viver preparados espiritualmente.

Estar preparado significa amar, perdoar, praticar a justiça, cuidar dos necessitados e conservar a comunhão com Deus.

O cristão não precisa conhecer o dia da vinda de Cristo. Precisa viver cada dia na presença de Cristo.

5. O que significa Cristo vir nas nuvens?

As Escrituras utilizam frequentemente imagens para expressar realidades divinas que ultrapassam nossa compreensão.

Entre essas imagens estão as nuvens, a luz, o fogo, os tronos e as trombetas.

Em Daniel 7,13-14, o Filho do Homem aparece vindo com as nuvens do céu e recebe domínio e realeza.

No Evangelho, Jesus utiliza linguagem semelhante para falar da manifestação de sua glória.

Essas imagens pertencem à linguagem profética e apocalíptica.

Não devem ser reduzidas a uma descrição dos fenômenos atmosféricos que acompanharão o fim da história.

As nuvens, nas Escrituras, frequentemente representam a manifestação da glória divina.

A promessa central é que Cristo será plenamente manifestado em sua glória e que seu Reino encontrará sua consumação.

A fé cristã afirma a realidade dessa manifestação, mas não pretende explicar antecipadamente todos os seus mecanismos.

O mistério de Deus é maior do que as imagens humanas utilizadas para anunciá-lo.

6. O encontro com Cristo na passagem desta vida

Existe outra dimensão que merece nossa atenção.

A morte não representa, para o cristão, o desaparecimento definitivo da pessoa.

Jesus declarou:

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá.” (João 11,25)

São Paulo também expressou seu desejo de partir desta vida e estar com Cristo:

“Tenho o desejo de partir e estar com Cristo.” (Filipenses 1,23)

Essas palavras revelam a esperança de uma comunhão com Cristo que ultrapassa a morte corporal.

Cada pessoa caminha para um encontro pessoal com Deus.

A morte, portanto, não é apenas uma interrupção da existência terrena.
É também uma passagem diante do mistério da eternidade.
Podemos contemplar esse encontro como uma manifestação profundamente pessoal da presença de Cristo.
Para aquele que parte desta vida, a esperança cristã não é simplesmente aguardar indefinidamente um acontecimento distante.
É estar confiado à misericórdia de Deus.
Contudo, o encontro pessoal após a morte e a Segunda Vinda gloriosa não devem ser confundidos como se fossem necessariamente o mesmo acontecimento.
A tradição cristã conserva também a esperança da ressurreição dos mortos e da restauração definitiva da criação.

7. A eternidade não é simplesmente um tempo que nunca termina

Nós vivemos dentro do tempo.
Conhecemos o passado, experimentamos o presente e aguardamos o futuro.
Mas Deus não está limitado à sucessão dos dias e dos anos.
A Escritura declara:

"Para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia." (2 Pedro 3,8)

Santo Agostinho, nas *Confissões*, livro XI, refletiu sobre o mistério do tempo e sua relação com a eternidade divina.
Deus não é simplesmente alguém que vive há um tempo extraordinariamente longo.
Ele é o Criador do próprio tempo.
Por isso, não devemos imaginar a eternidade apenas como uma repetição infinita de dias semelhantes aos nossos.
A vida eterna é uma forma de existência que ultrapassa nossa experiência atual.
São Paulo reconheceu os limites da compreensão humana:

"Agora conheço em parte; então conhecerei como também sou conhecido." (1 Coríntios 13,12)

A eternidade permanece um mistério.
Mas esse mistério não precisa ser visto como algo assustador.
Pode ser contemplado como a abertura da criatura à plenitude da vida divina.

8. Na Casa do Pai há muitas moradas

Jesus declarou:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas." (João 14,2)

Essas palavras estão entre as mais consoladoras do Evangelho.
Cristo promete que nossa existência não termina nos limites da vida terrena.
Há uma esperança de acolhimento, comunhão e permanência junto ao Pai.
A expressão "muitas moradas" não deve ser interpretada como uma descrição geográfica de planetas ou dimensões espirituais.
Seu sentido principal é a promessa de que os discípulos terão lugar na comunhão com Cristo.
Entretanto, ela nos convida a reconhecer que a realidade divina ultrapassa as limitações de nossa imaginação.
A Casa do Pai não é uma construção material.
É a expressão da comunhão com Deus.

Ascender à Casa do Pai significa caminhar para a plenitude dessa comunhão.

Não se trata de uma ascensão física através do espaço, mas de uma transformação da existência pelo amor divino.

9. A vida eterna pode ser um crescimento incessante em Deus

Uma das contribuições mais profundas da tradição cristã encontra-se nos ensinamentos de São Gregório de Nissa, Padre da Igreja do século IV.

Em sua obra *A Vida de Moisés*, ele apresenta a caminhada espiritual como um movimento contínuo em direção ao Bem infinito.

Essa compreensão é conhecida na teologia como *epektasis*.

A palavra expressa a ideia de avançar continuamente.

Seu fundamento bíblico encontra uma importante inspiração em São Paulo:

"Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo." (Filipenses 3,13-14)

Se Deus é infinito, nenhuma criatura pode esgotar a profundidade de seu amor, de sua sabedoria e de sua bondade.

Por isso, podemos contemplar a vida eterna como uma comunhão inesgotável.

Não precisamos imaginar o Céu como uma existência imóvel, sem crescimento ou aprofundamento espiritual.

A plenitude divina não significa ausência de vida ou de movimento espiritual.

Significa participar cada vez mais profundamente do Bem infinito.

A eternidade pode ser compreendida como uma plenitude viva, na qual o amor jamais se esgota.

Essa visão não pretende descrever todos os detalhes da existência futura.

Ela expressa uma esperança profundamente enraizada na contemplação patrística.

10. Theosis — A divinização pela graça

A tradição ortodoxa possui um ensinamento fundamental chamado *theosis*, ou divinização.

O termo pode parecer estranho à primeira vista.

Mas seu significado é profundamente cristão.

São Pedro ensina que somos chamados a nos tornar:

"Participantes da natureza divina." (2 Pedro 1,4)

Isso não significa que o ser humano se transforme em Deus por natureza.

Deus é incriado.

Nós somos criaturas.

Nossa alma e nossa consciência não são fragmentos da essência divina.

Entretanto, fomos criados à imagem de Deus e chamados a participar verdadeiramente de sua vida pela graça.

A divinização significa essa transformação espiritual.

O ser humano cresce no amor, na santidade, na sabedoria, na liberdade interior e na comunhão com o Criador.

Quanto mais participa da vida divina, mais profundamente manifesta a imagem de Deus.

Essa transformação começa agora.

Não precisamos esperar a morte para iniciar nossa caminhada de união com Cristo.

A oração, os sacramentos, a caridade, o perdão e a purificação do coração fazem parte desse caminho.

A vida cristã é uma ascensão espiritual que começa na Terra e encontra sua plenitude na eternidade.

11. São Máximo, o Confessor, e o destino de toda a criação

São Máximo, o Confessor, grande teólogo do século VII, desenvolveu uma visão profundamente cristocêntrica da criação.

Em sua teologia, todas as coisas encontram no Logos divino, Jesus Cristo, seu fundamento e sua finalidade.

A criação não existe sem sentido.

Ela possui uma orientação para Deus.

O ser humano, como criatura dotada de liberdade e consciência, é chamado a participar dessa caminhada através do amor e da comunhão.

Essa compreensão nos ajuda a perceber que a salvação não deve ser reduzida a uma experiência puramente individual.

O propósito divino alcança toda a criação.

São Paulo escreve:

"A própria criação será libertada da escravidão da corrupção, para participar da liberdade da glória dos filhos de Deus." (Romanos 8,21)

Essa passagem apresenta uma esperança extraordinária.

A criação não está destinada simplesmente ao abandono.

Ela aguarda sua libertação e renovação.

A Segunda Vinda de Cristo está ligada a essa esperança universal.

Não apenas à história de um povo ou ao destino isolado de algumas pessoas, mas à manifestação do propósito divino para toda a criação.

12. Um Universo grandioso e o mistério do Criador

A cosmologia moderna revelou uma realidade muito maior do que aquela conhecida pelos povos antigos.

Nossa Terra é apenas um planeta em torno de uma estrela.

Nossa estrela pertence a uma galáxia que contém bilhões de outras estrelas.

E existem incontáveis outras galáxias no Universo observável.

Essa grandiosidade desperta admiração.

Entretanto, a ciência ainda não determinou se o Universo total é infinito nem confirmou a existência de vida extraterrestre.

A fé cristã também não depende dessas respostas.

O que podemos afirmar é que a criação manifesta uma riqueza que ultrapassa imensamente nossa compreensão.

O salmista declarou:

"Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos." (Salmo 19,1)

Quanto mais conhecemos a vastidão do cosmos, mais somos convidados à humildade.

Não precisamos imaginar que toda a finalidade da criação possa ser compreendida exclusivamente a partir da experiência humana na Terra.

Ao mesmo tempo, não devemos transformar possibilidades científicas em doutrinas religiosas.

O Universo nos convida à contemplação.

A Revelação nos convida à comunhão com seu Criador.
E ambas podem despertar em nós uma admiração cada vez maior diante do mistério da existência.

13. A ressurreição não é simplesmente o retorno ao corpo atual

São Paulo dedica o capítulo 15 da Primeira Carta aos Coríntios ao mistério da ressurreição.
Ele ensina que a vida futura não deve ser compreendida como uma simples repetição de nossa condição corporal presente.

"Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual." (1 Coríntios 15,44)

A expressão "corpo espiritual" não significa necessariamente ausência de corporeidade.
Na compreensão paulina, aponta para uma existência corporal transformada pela ação do Espírito.
O Apóstolo também afirma:

"É necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, e que este ser mortal se revista de imortalidade." (1 Coríntios 15,53)

A esperança cristã, portanto, não consiste simplesmente na sobrevivência de uma alma separada do corpo para sempre.
Ela inclui a ressurreição e a transfiguração da existência humana.
O modo dessa transformação ultrapassa nossa compreensão atual.
Mas sua finalidade é clara:

A vida vence a morte, e a criatura participa da glória de Deus sem perder sua identidade.

14. A Segunda Vinda e a restauração de todas as coisas

No Livro dos Atos encontramos uma expressão muito significativa:

"Até os tempos da restauração de todas as coisas." (Atos 3,21)

A palavra restauração aponta para a realização do propósito divino.
O Apocalipse anuncia:

"Eis que faço novas todas as coisas." (Apocalipse 21,5)

Observe que a esperança bíblica não é simplesmente a substituição de toda a realidade por um vazio.
É a renovação.
A criação é chamada a uma condição transfigurada, na qual a morte, a corrupção e o sofrimento não terão a última palavra.
São Paulo apresenta o horizonte dessa plenitude:

"Para que Deus seja tudo em todos." (1 Coríntios 15,28)

Não precisamos transformar essas palavras em uma explicação completa dos mistérios do juízo e da salvação.
Mas podemos reconhecer nelas a grandiosidade da esperança cristã.
A Segunda Vinda não deve ser apresentada apenas como a chegada de uma catástrofe.

Ela é a esperança da manifestação definitiva de Cristo e da renovação de toda a criação.

15. A verdadeira preparação para a vinda do Senhor

Se não conhecemos o dia nem a hora, como devemos viver?
A resposta está no próprio Evangelho.
Jesus não nos pediu que abandonássemos nossas responsabilidades para esperar sinais no céu.
Ele nos ensinou a amar.
A perdoar.
A cuidar dos enfermos.

A alimentar os famintos.
A acolher os necessitados.
A procurar a justiça.
A viver em comunhão com Deus.
Na parábola do juízo, em Mateus 25,31-46, o Senhor identifica o serviço prestado aos necessitados como expressão concreta do amor dirigido a Ele.
Isso nos ensina que a preparação espiritual não consiste em fugir do mundo.
Consiste em transformar nossa presença nele.
Quem aprende a amar já começa a experimentar a realidade do Reino de Deus.
Quem perdoa vence dentro de si uma parte do mal.
Quem pratica a misericórdia manifesta a presença de Cristo.
Quem procura a verdade aproxima sua consciência da luz divina.
Quem serve aos outros participa da missão de amor do Criador.
Essa é a verdadeira vigilância cristã.
16. Maranatha e a ascensão à Casa do Pai
Podemos agora compreender a oração Maranatha em toda a sua profundidade.
Quando dizemos:
"Vem, Senhor Jesus!"
Pedimos que Cristo manifeste plenamente seu Reino.
Mas também pedimos que venha ao nosso coração.
Que transforme nossa consciência.
Que purifique nossos sentimentos.
Que cure nossas feridas espirituais.
Que nos ensine a amar.
Que nos conduza à comunhão com o Pai.
A Segunda Vinda permanece como a esperança da consumação definitiva da história.
Mas a caminhada para Deus não começa naquele dia.
Ela começa agora.
A cada transformação interior.
A cada gesto de misericórdia.
A cada oração sincera.
A cada reconciliação.
A cada passo em direção à verdade.
E podemos contemplar a vida eterna como um aprofundamento inesgotável dessa comunhão, conforme a reflexão de São Gregório de Nissa sobre o crescimento contínuo em Deus.
A ascensão espiritual não significa tornar-se superior aos outros. Significa tornar-se cada vez mais capaz de amar e servir.
Conclusão — Cristo virá, mas já caminha conosco
A esperança da Segunda Vinda de Cristo não precisa ser motivo de terror.
Não sabemos quando acontecerá a manifestação definitiva de seu Reino.
O próprio Senhor nos ensinou que esse conhecimento pertence a Deus.
Mas sabemos que Cristo não abandonou a humanidade.
Ele permanece conosco.

Sua presença se manifesta na vida da Igreja, nos Santos Mistérios, na oração, na caridade e na transformação espiritual de cada pessoa.
Sabemos também que nossa existência não se limita aos poucos anos de nossa vida terrena.
Fomos chamados à comunhão com o Deus vivo.
A morte não possui a última palavra.
A ressurreição é nossa esperança.
A renovação da criação faz parte da promessa divina.
E a vida eterna pode ser contemplada como uma participação inesgotável no amor, na sabedoria e na bondade do Criador.
Por isso, não devemos viver procurando datas para o fim do mundo.
Devemos viver buscando a transformação do coração.
Não devemos aguardar Cristo apenas olhando para as nuvens.
Devemos reconhecê-lo também no irmão que necessita de nosso amor.
Não devemos imaginar a eternidade como uma existência sem sentido.
Devemos compreendê-la à luz da promessa de comunhão com aquele que é a própria fonte da Vida.
O Credo permanece como nossa profissão de esperança:
"E novamente virá com glória para julgar os vivos e os mortos, e o seu Reino não terá fim."
E também:
"Espero a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro. Amém."
Enquanto aguardamos a plenitude dessa promessa, continuamos nossa caminhada de purificação, iluminação e divinização pela graça.
A Segunda Vinda é a esperança da restauração definitiva da criação. A ascensão espiritual é o caminho de transformação que somos chamados a percorrer desde agora, em direção à Casa do Pai.
Que nossa vida seja uma oração permanente:
Maranatha! Vem, Senhor Jesus!
Vem transformar nosso coração.
Vem iluminar nossa consciência.
Vem ensinar-nos a amar.
Vem conduzir-nos à plenitude da vida divina.
E que, ao final de nossa caminhada terrena, possamos encontrar naquele que nos criou a realização da esperança que sustentou nossa existência.
Porque o destino do cristão não é o medo do fim, mas a comunhão eterna com o Amor que não tem fim.
Igreja Apostólica Ortodoxa da América
Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.
Outubro/2026
Referências bibliográficas
Sagradas Escrituras
Bíblia Sagrada — Antigo e Novo Testamento.

- Gênesis 1,26-27 — A criação do ser humano à imagem de Deus.
- Salmo 19,1 — A criação manifesta a glória divina.

- Daniel 7,13-14 — O Filho do Homem e sua manifestação gloriosa.
- Mateus 24,30-36 — A vinda do Filho do Homem e o desconhecimento do dia e da hora.
- Mateus 25,31-46 — O juízo e a prática do amor.
- Mateus 28,20 — A presença permanente de Cristo.
- Lucas 17,20-21 — A presença do Reino de Deus.
- João 11,25-26 — Cristo, Ressurreição e Vida.
- João 14,2-3 — As muitas moradas da Casa do Pai.
- João 14,23 — A presença de Deus naquele que ama.
- Atos dos Apóstolos 3,21 — A restauração de todas as coisas.
- Romanos 8,18-23 — A esperança da libertação da criação.
- 1 Coríntios 13,12 — Os limites do conhecimento presente.
- 1 Coríntios 15 — A Ressurreição e a transformação da existência humana.
- 1 Coríntios 16,22 — Maranatha.
- 2 Coríntios 12,2-4 — A experiência espiritual de São Paulo.
- Filipenses 1,23 — O desejo de estar com Cristo.
- Filipenses 3,12-14 — O avanço contínuo na caminhada espiritual.
- 1 Tessalonicenses 4,13-18 — A esperança da Ressurreição e do encontro com o Senhor.
- 2 Pedro 1,4 — A participação na natureza divina.
- 2 Pedro 3,8 — A relação entre o tempo e a eternidade.
- Apocalipse 21,1-5 — Novos céus, nova terra e renovação da criação.
- Apocalipse 22,20 — A oração "Vem, Senhor Jesus!".

Santos Padres e tradição cristã

Santo Agostinho de Hipona. *Confissões*, Livro XI. Reflexões sobre o tempo, a criação e a eternidade divina.

São Gregório de Nissa. *A Vida de Moisés* (*De Vita Moysis*), especialmente a segunda parte. A caminhada espiritual e o progresso incessante em direção ao Bem infinito.

São Gregório de Nissa. *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*. O desejo de Deus e o aprofundamento contínuo da comunhão espiritual.

São Máximo, o Confessor. *Ambigua*, especialmente os textos sobre os *logoi* da criação e sua unidade no Logos divino.

São Máximo, o Confessor. *Mistagogia* (*Mystagogia*). A relação entre a Igreja, a criação e o mistério da comunhão com Deus.

Santo Atanásio de Alexandria. *Sobre a Encarnação do Verbo* (*De Incarnatione Verbi*), especialmente o capítulo 54. A Encarnação e a participação humana na vida divina.

São Gregório Palamás. *Tríades em Defesa dos Santos Hesicastas*. A participação do ser humano na vida divina pela graça e a distinção entre essência e energias divinas.

Santo Irineu de Lião. *Contra as Heresias*, Livro V. A ressurreição, a renovação da criação e a esperança escatológica cristã.

Documentos da fé e estudos complementares

Credo Niceno-Constantinopolitano (381). Profissão de fé na Segunda Vinda de Cristo, na ressurreição dos mortos e na vida do século futuro.

Lossky, Vladimir. *A Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Introdução à compreensão ortodoxa da divinização e da comunhão com Deus.
Ware, Kallistos. *The Orthodox Way* (*O Caminho Ortodoxo*). Reflexões sobre a pessoa humana, a comunhão com Deus e a vida espiritual.
Louth, Andrew. *Maximus the Confessor*. Introdução ao pensamento de São Máximo, especialmente à sua compreensão da criação e de sua finalidade em Cristo.
Daniélou, Jean. *Platonisme et théologie mystique: Doctrine spirituelle de saint Grégoire de Nysse*. Estudo sobre a espiritualidade e a teologia mística de São Gregório de Nissa.
NASA. Materiais científicos de divulgação sobre galáxias, exoplanetas e o Universo observável. Referência complementar para a contextualização cosmológica, sem atribuir à ci